

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

LETRAS – INGLÊS

MARIA REGINA COSTA DE SOUZA

**A HISTÓRIA DO TRABALHO E SEU ECO EM *POST OFFICE*, DE CHARLES  
BUKOWSKI**

Brasília

2018

MARIA REGINA COSTA DE SOUZA

**A HISTÓRIA DO TRABALHO E SEU ECO EM *POST OFFICE*, DE CHARLES  
BUKOWSKI**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao curso de Letras-Inglês da Universidade  
de Brasília.

BRASÍLIA

2018

Agradeço aos meus pais, Jezi e Leonice, pelo amor inexplicável e apoio incondicional. Agradeço também ao meu orientador, Pawel Hejmanowski, pela oportunidade, paciência e dedicação.

Dedico este trabalho a minha família e, em especial, ao meu tio Nizan.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar de forma clara as críticas que Charles Bukowski fez, por meio de sua obra *Post Office*, ao sistema imposto pela sociedade e ao ciclo vicioso em que se encontram os trabalhadores. Para realizar tal feito, o estudo perpassa brevemente pela história do trabalho – começando com Henry Thoreau e Ralph Waldo Emerson, para depois chegar ao New Deal de Roosevelt e dialogar com Gramsci, Marx e Marcuse.

O primeiro romance de Charles Bukowski, publicado em 1971, foi estudado com a ajuda do livro intitulado *Against the American Dream: Essays on Charles Bukowski* juntamente com a biografia *Bukowski: vida e loucuras de um velho safado* e fitas denominadas *The Charles Bukowski Tapes*, que ajudaram a traçar um perfil dos ideais de Bukowski e, assim, atingir a meta de esclarecer aos leitores as tão contundentes opiniões do escritor.

**Palavras-chave:** Trabalhadores, Bukowski, crítica, ideais.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze clearly the critics Charles did through his work *Post Office* to the system imposed by society and the vicious cycle in which the workers are in. In order to achieve that, the study goes through the history of work – starting with Henry Thoreau and Ralph Waldo Emerson, until the New Deal of Roosevelt to dialogue later with Gramsci, Marx and Marcuse.

Charles Bukowski's first novel, published in 1971, is studied with the help of the book entitled *Against the American Dream: Essays on Charles Bukowski*, with a biography *Bukowski: vida e loucuras de um velho safado* and tapes called *The Charles Bukowski Tapes* which helped to outline a profile of Bukowski's ideals and thereby achieve a goal of enlightening readers of the writer's so compelling opinions.

**Key words:** Workers, Bukowski, critic, ideals.

## SPARKS

I always resented all the years, the hours,  
the  
minutes I gave them as a working stiff, it  
actually hurt my head, my insides, it made  
me  
dizzy and a bit crazy — I couldn't  
understand the  
murdering of my years  
yet my fellow workers gave no signs of  
agony, many of them even seemed  
satisfied, and  
seeing them that way drove me almost as  
crazy as  
the dull and senseless work.

the workers submitted.  
the work pounded them to nothingness,  
they were  
scooped-out and thrown away.

I resented each minute, every minute as it  
was  
mutilated  
and nothing relieved the monotonous  
ever-  
structure.

I considered suicide.  
I drank away my few leisure hours.

I worked for decades.

I lived with the worst of women, they  
killed what  
the job failed to kill.

I knew that I was dying.  
something in me said, go ahead, die,  
sleep, become  
them, accept.

then something else in me said, no, save  
the tiniest  
bit.  
it needn't be much, just a spark.  
a spark can set a whole forest on  
fire.  
just a spark.  
save it.

I think I did.  
I'm glad I did.  
what a lucky god damned  
thing.

## 1. INTRODUÇÃO

A consciência da classe econômica que permeia a obra de Charles Bukowski é forte por uma razão. Por muitos anos, ele se viu atado a trabalhos casuais e, por outros muitos anos, trabalhou nos Correios dos Estados Unidos. (HARRISON,1994). No entanto, isso o levou a ter um profundo conhecimento do que Hans Mayer chamava de “tradição plebeia”<sup>1</sup>.

A revolta pessoal de Bukowski, às vezes, colocou-o em conflito com indivíduos os quais o leitor pensaria que ele deveria se solidarizar, por exemplo, com seus colegas de trabalho que realizavam as mesmas tarefas que ele. Mas, como o próprio autor escreve:

O que eu tentei fazer, se você me permite, é trazer o estilo de vida dos trabalhadores das fábricas... Uma coisa raramente mencionada na poesia dos séculos. (Para Sean Penn).<sup>2</sup>

O fato de o autor ter trabalhado anteriormente, e grande parte de sua vida, nos Correios, e também seu aspecto autobiográfico, faz de seus livros e poemas um retalho de sua história. Bukowski dizia que a maior parte de sua escrita vinha das coisas que vivia. Chegou a fazer um cálculo onde estimava que 93% de sua obra era autobiográfica e os 7% também, só que de uma forma melhorada.

---

<sup>1</sup> “Plebeian tradition”.

<sup>2</sup> “What I’ve tried to do, if you’ll pardon me, is bring in the factory-workers aspect of life.. something seldom mentioned in the poetry of the centuries”. (To Sean Penn).

“Na maior parte do tempo, ele não tinha ideias para a sua coluna, roubando ou degenerando histórias de qualquer fonte. Sua vizinha, Tina Darby, ajudava deleitando-o com suas aventuras como dançarina exótica e contando a ele o que acontecia nas festas sexuais que ela e Brad iam. ‘Nós contávamos histórias um para o outro e elas apareciam na LA Free Press. Ele pegava uma conversa, distorcia-a um pouco e aquela era a coluna’, diz ela. Bukowski também conseguiu material nas figuras desprezíveis que viviam no condomínio, como Sam, que trabalhava como porteiro em uma casa de massagem local. Ele se tornou Sam, o Homem do Bordel, em várias histórias.” (SOUNES, 1998).

Sua relação conturbada, principalmente com o pai, fez dele um escritor: “Eu acho que meu pai me ensinou a escrever, porque mesmo hoje, em tempos [...] eu nunca choro, eu nunca imploro”.<sup>3</sup> (The Charles Bukowski Tapes, 1985, número 7).

Usava uma sintaxe sem pontuação e ortografia irregular. Ele raramente usava letras maiúsculas ou pontuação convencional. Era uma experiência estilística. Escrevia em primeira pessoa, usava seu verdadeiro nome e, inicialmente, usava seu passado como assunto. (SOUNES, 1998). Pela sua forma crua e realista de escrever, seu amigo e editor, John Martin, da Black Sparrow Press, diz “ele não é um autor de peso, e nunca terá um público de peso. O tipo de trabalho que ele produz agride muitas pessoas. É muito franco e direto”.

---

<sup>3</sup> “I think my father taught me how to write, because even now in times [...] I never weep, I never beg”.

O método de escrita de Charles e a visão dele sobre o assunto são peculiares. Segundo suas próprias palavras, “depois de perder o pagamento de uma semana em quatro horas, é muito difícil voltar pra casa e encarar a máquina para escrever um monte de baboseiras floreadas.” – o que leva a entender, olhando de vários ângulos, um dos motivos pelos quais Bukowski tinha a escrita fora dos formalismos. Bukowski gostava de zombar da contracultura. Embora fosse contra muitas convenções da sociedade, ele tampouco era a favor da contracultura. (SOUNES, 1998).

Em fitas denominadas *The Charles Bukowski Tapes*, o escritor, filmado por Barbet Schroeder, fala várias vezes sobre seu passado, relação pessoal e visão que havia adquirido com o passar dos anos vivendo em condições difíceis por conta de sua realidade. “Passar fome não cria arte, cria muitas coisas, mas, principalmente, cria tempo. Se você trabalha por 8 horas e consegue 55 centavos por hora [...] em casa, você não terá dinheiro, mas você terá tempo para escrever.”<sup>4</sup> (The Charles Bukowski Tapes, 1985, número 2).

---

<sup>4</sup>”Starving doesn’t create art, that is creates many things but mainly it creates time. If you work at an 8h job and get 55 cent an hour [...] if at home, you won’t have money, but you will have time to write.”

## 2. O MOVIMENTO TRANSCEDENTALISTA E O INDIVIDUALISMO

O movimento Transcendentalista originou-se na Nova Inglaterra e propôs uma mudança radical na filosofia de vida. Essa nova filosofia incorporou ideias do Romantismo, Unitarianismo, e Idealismo Germânico. Algumas dessas ideias pertenciam, de forma muito próxima, aos valores cultivados nos Estados Unidos. Esses valores incluíam a natureza, o individualismo e a reforma.

Essa corrente acredita que a sociedade e suas instituições – particularmente a religião e partidos políticos – corrompiam a pureza do indivíduo. Eles pregam que os seres humanos são melhores quando confiam em si mesmos e são independentes. É apenas a partir de indivíduos reais que a verdadeira comunidade é formada.

*Walden* ou *A Vida nos Bosques* é um livro escrito pelo transcendentalista Henry Thoreau no ano de 1854. Essa obra pode ser considerada um manifesto contra a civilização industrial que crescia rapidamente nos Estados Unidos. Diante da complexidade que foi se formando no meio da sociedade norte-americana, Thoreau propõe o retorno ao simples – indo morar em contato com a natureza por dois anos.

*Walden* não se limita a uma narrativa de como foi a experiência de seu autor, mas também incita o leitor a rever seus conceitos de liberdade e vida; tendo em vista como o mundo exposto a industrialização e urbanização não era necessariamente bom para os integrantes de seu sistema. Esse pensamento vindo de Thoreau dialoga com a vontade de Bukowski de “quanto mais perto você chegar do que você quer, melhor você

é como uma criatura humana” (The Charles Bukowski Tapes, 1985, número 12).<sup>5</sup> – onde o seu melhor pode ser perfeitamente diferente do que a sociedade impõe.

Por simples ignorância e equívoco, muita gente, mesmo neste país relativamente livre, se deixa absorver de tal modo por preocupações artificiais e tarefas superfluamente ásperas, que não pode colher os frutos mais saborosos da vida. A excessiva lida torna-lhe os dedos demasiado trêmulos e desajeitados para isso. Na realidade, o trabalhador não dispõe de lazer para uma genuína integridade dia a dia, nem se pode permitir a manutenção de relações mais humanas com outros homens, pois seu trabalho seria depreciado no mercado. (THOREAU, Henry David, 1854, p. 6-7).<sup>6</sup>

Em sua obra, Thoreau diz que seus vizinhos pareciam “fazer penitência de mil maneiras extraordinárias”<sup>7</sup>; eles levavam vidas duras, com trabalhos sendo considerados por ele como mais difíceis e sofridos do que os de Hércules; já que o herói, quando terminadas suas tarefas, teria descanso, enquanto os cidadãos que ele conhecia só se libertariam quando morressem.

Não há condições para que seja outra coisa senão uma máquina. Como pode ele ter em mente a sua ignorância — atitude indispensável ao

---

<sup>5</sup> “The closer you get to exactly what you want to do, the better you are as a human creature”.

<sup>6</sup> “Most men, even in this comparatively free country, through mere ignorance and mistake, are so occupied with the factitious cares and superfluously coarse labors of life that its finer fruits cannot be plucked by them. Their fingers, from excessive toil, are too clumsy and tremble too much for that. Actually, the laboring man has not leisure for a true integrity day by day; he cannot afford to sustain the manliest relations to men; his labor would be depreciated in the market”.

<sup>7</sup> “Doing penance in a thousand remarkable ways”.

crescimento interior — quando tem de usar seus conhecimentos com tanta frequência? Às vezes, antes de julgá-lo, deveríamos dar-lhe roupa e comida, além de chamá-lo para beber conosco. As qualidades mais requintadas de nossa natureza, feito a pelúcia de certos frutos, só podem ser preservadas pelo manuseio delicado. E, contudo, não nos tratamos assim ternamente, nem a nós mesmos, nem aos outros. (THOREAU, Henry David, 1854, p. 7).<sup>8</sup>

Outro escritor e também transcendentalista, Emerson, defendia a individualidade e criticava as pressões da sociedade. Em um de seus trabalhos, intitulado *Self-Reliance*, o autor discursa sobre um de seus temas recorrentes: a necessidade do indivíduo de evitar o conformismo – “aquele aspirante a homem deve ser um não conformista”<sup>9</sup> - e seguir suas próprias ideias.

Um menino é na sala de visitas o que é o fosso no teatro; independente, irresponsável, olhando, no canto, pessoas e fatos que passam, ele tenta e os sentencia em seus méritos, na forma rápida e sumária de meninos, como bom, ruim, interessante, bobo, eloquente, problemático. (EMERSON, Ralph Waldo, 1841, *Self-Reliance*).<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> “He has no time to be anything but a machine. How can he remember well his ignorance—which his growth requires—who has so often to use his knowledge? We should feed and clothe him gratuitously sometimes, and recruit him with our cordials, before we judge of him. The finest qualities of our nature, like the bloom on fruits, can be preserved only by the most delicate handling. Yet we do not treat ourselves nor one another thus tenderly”.

<sup>9</sup> “Whose would be a man, must be a nonconformist”.

<sup>10</sup> “A boy is in the parlour what the pit is in the playhouse; independent, irresponsible, looking out from his corner on such people and facts as pass by, he tries and sentences them on their merits, in the swift, summary way of boys, as good, bad, interesting, silly, eloquent, troublesome.”

Nesse trecho citado, o escritor enfatiza sobre a liberdade. Talvez a mesma liberdade que Bukowski desejava ter na escrita. Como encontramos em sua biografia por Howard Sounes, Bukowski temia que escrever sob pressão transformasse seu trabalho em jornalismo. “Eu olho para essa sala e vejo um monte de datilógrafos, mas não vejo escritores, porque vocês não sabem o que é o amor” são as palavras de Charles Bukowski ao deparar -se com uma cena similar onde a liberdade não tinha vez.

Bukowski também possuía certa aversão pelo ciclo “correto” da vida – determinado pela sociedade. Ele chega a dizer sobre o ciclo vicioso e árduo que é trabalhar por um dólar e como sua visão ideal seria apenas sobre descansar e fazer as coisas das quais você precisa. (The Charles Bukowski Tapes, 1985, número 12). Essa visão, onde a sociedade e suas instituições comandam a vida do homem por conta de suas necessidades, é também tema de *Self-Reliance*.

A sociedade em toda parte está em conspiração contra a humanidade de cada um de seus membros. A sociedade é uma sociedade anônima, na qual os membros concordam para melhor garantir seu pão a cada acionista, a renunciar à liberdade e à cultura do que come. (EMERSON, Ralph Waldo, 1841, *Self-Reliance*).<sup>11</sup>

Ainda enfocado no tema mencionado, Emerson continua sua explicação

O único direito é o que está na minha constituição, o único errado é o contrário. Um homem deve se posicionar na presença de toda oposição, como se tudo fosse titular e efêmero,

---

<sup>11</sup> “Society everywhere is in conspiracy against the manhood of every one of its members. Society is a joint-stock company, in which the members agree, for the better securing of his bread to each shareholder, to surrender the liberty and culture of the eater.”

com exceção dele mesmo. Tenho vergonha de pensar com que facilidade nos rendemos a crachás e nomes, a grandes sociedades e instituições mortas. (EMERSON, Ralph Waldo, 1841, *Self-Reliance*).<sup>12</sup>

Como o autor de *Self-Reliance* coloca, e como também concordaria Bukowski, é fácil viver conforme a opinião do mundo.

## 2.1 Uma narrativa da história trabalhista dos Estados Unidos

O primeiro romance de Charles Bukowski foi *Post Office*, publicado em 1971 quando ele contava os cinquenta anos de idade. A característica mais evidente desse trabalho é o foco no trabalho. Por razões ideológicas, o trabalho nunca foi um tópico popular na literatura contemporânea americana, quando comparada, por exemplo, com o lugar que ocupava no meio socialista ou nos tempos recentes da literatura americana. (RUSSELL, 1994).

Mesmo considerando a si mesmo como alguém “apolítico”, Bukowski é considerado por muitos como um escritor de esquerda por descrever o trabalhador alienado e a forma como esse trabalhador resiste ao ambiente. (RUSSELL, 1994).

*Post Office* representa uma mudança significativa na maneira como o mundo das classes trabalhadoras é retratado, o romance reflete as mudanças na sociedade

---

<sup>12</sup> “The only right is what is after my constitution, the only wrong what is against it. A man is to carry himself in the presence of all opposition, as if every thing were titular and ephemeral but he. I am ashamed to think how easily we capitulate to badges and names, to large societies and dead institutions.”

estadunidense desde os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. A escrita de Bukowski traz à tona a negação dos aspectos que envolvem o trabalho e questiona a utilidade do serviço. Outros escritores, antes dele, exploravam o tema da seguinte forma: ou o trabalhador trabalhava muito, ou ganhava pouco, ou os dois; mas a necessidade dessa função nunca tinha sido questionada. (RUSSELL, 1994).

Para entender o contexto completo no qual o primeiro livro de Bukowski foi escrito, antes, é necessário conhecer o pano de fundo que permeava a situação trabalhista dos Estados Unidos nos anos anteriores. Em meados do século XIX houve um movimento nos Estados Unidos para que o dia de trabalho fosse reduzido em resposta ao aumento de serviço no novo mundo industrial e capitalista. Os protestos visavam diminuir as horas nas fábricas assim como o aumento de salário – o que eram vistos como benefícios por conta do uso da eficiente tecnologia.

O movimento fez progressos até a entrada dos anos 1930 e começo dos dias do *New Deal* de Roosevelt. Mas, com a opção de Roosevelt por empregar todos em condições plenas para exercer seu trabalho, o que seria um movimento para a redução de horas acabou por ser derrotado.<sup>13</sup>

A queda no horário da jornada de trabalho ocorreu no começo do século XX, e foi graças à intensa mecanização. Isso resultou na produção de uma “única classe operária”<sup>14</sup> (KOLKO, Gabriel) que produzia um único trabalhador. Para manter esse modelo de funcionário, sua vida e tudo que o cerca precisa ser controlado por meio da preservação “fora do trabalho, certo equilíbrio psicofisiológico, que impede o colapso fisiológico do trabalhador, exaurido pelo novo processo de produção”. (GRAMSCI,

---

<sup>13</sup> Ver Benjamin Hunnicut, *Work Without End: Abandoning Shorter Hours for the Right to Work*, Chapter 6, “FDR Counters Shorter Hours”.

<sup>14</sup> “Unique working class”.

Antonio).<sup>15</sup> - significando que as relações sexuais e o consumo de bebida alcoólica deveriam ser controlados.

“Estar com mulheres demanda muito tempo livre. O novo trabalhador será uma repetição diferente da dos camponeses e vilarejos. A relativa estabilidade de uniões sexuais entre camponeses é intimamente ligada com o sistema de trabalho da cidade. [...] Parece claro que a nova industrialização precisa da monogamia: precisa de um homem como trabalhador que não desperdiça suas energias na desordenada e estimulante busca pela satisfação do sexo casual. O empregado que vai ao trabalho depois de uma noite de “excessos” não é bom para seu trabalho”. (GRAMSCI, Antonio).<sup>16</sup>

A crise dos anos 30 pediu por horas mais curtas de trabalho para que mais pessoas fossem empregadas. Como citado anteriormente, Roosevelt rejeitou essa opção e, no final, a Segunda Guerra Mundial tirou a economia americana da Depressão. Não foi apenas na década de 1960 que, por razões econômicas e culturais, a questão do trabalho e do trabalho alienado voltou a ser amplamente discutida. Vários fatores contribuíram para isso: as crises de legitimidade criadas pela Guerra do Vietnã resultaram em um espaço para questionar questões antes consideradas irrelevantes e a crescente eficiência tecnológica do sistema econômico norte-americano colocaram a

---

<sup>15</sup> “Preserving outside of work, a certain psycho-physiological equilibrium which prevents the physiological collapse of the worker, exhausted by the new method of production.

<sup>16</sup> “Womanizing demands too much leisure. The new type of worker will be a repetition, in a different form, of peasants and villages. The relative stability of sexual unions among the peasants is closely linked to the system of work of the country. [...] It seems clear that the new industrialism wants monogamy: it wants the man as worker not to squander his nervous energies in the disorderly and stimulating pursuit of occasional sexual satisfaction. The employee who goes to work after a night of ‘excess’ is no good for his work”.

humanidade naquele ponto imaginado por Marx nos *Grundrisse* de 1857-58, onde a força de trabalho humana não era mais um fator significativo à produção de riqueza. O trabalho mental estava sendo reduzido ao trabalho físico (a um ritmo assustador), à medida que, cada vez mais, trabalhos anteriormente diferenciados dos do proletariado se assemelhavam ao arquétipo do trabalho alienado na fábrica; e aqueles que os trabalhavam sabiam disso. Como Aronowitz escreveu “a característica mais aflorada do trabalho moderno é a convergência do trabalho mental e manual”<sup>17</sup>. (HARRISON, 1994).

Todos os fatores combinados criavam uma atmosfera onde os valores tradicionais americanos estavam sendo postos à prova e examinados sob uma nova perspectiva. O trabalho e sua ética estavam vivendo uma reavaliação que poderia mudar o futuro próximo.

Uma mudança fundamental na atitude da via esquerda da política em relação ao trabalho também conquistou seu espaço, onde a influência de *Grundrisse* de Marx foi um importante fator para a análise do trabalho no meio capitalista.

No entanto, à medida que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva passa a depender menos do tempo de trabalho e do quantum de trabalho empregado que do poder dos agentes postos em movimento durante o tempo de trabalho [...] O trabalho não aparece mais tão envolvido no processo de produção [...] Tão logo o trabalho 27/1285 na sua forma imediata deixa de ser a grande fonte da riqueza, o tempo de trabalho deixa, e tem de deixar, de ser a

---

<sup>17</sup> “The most characteristic feature of modern labor is the convergence of mental and manual labor”.

sua medida e, em consequência, o valor de troca deixa de ser [a medida] do valor de uso. (MARX, Karl. Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Páginas 27-28. Edição de 2011).

Um dos maiores expoentes dessa reanálise sobre o papel do trabalho, e também influenciado por Marx, foi Herbert Marcuse, em livros como *Eros e Civilização* (1955), *O Homem Unidimensional* (1964) e *Um Ensaio para a Libertação* (1969). Em *Eros e Civilização*, uma interpretação filosófica de Freud, Marcuse fala que, durante o capitalismo pós-revolucionário, a dominação foi mantida por meio do

[...] Princípio de realidade específico que governou as origens e a evolução dessa civilização. Designamo-lo por princípio de desempenho a fim de darmos destaque ao fato de que, sob o seu domínio, a sociedade é estratificada de acordo com os desempenhos econômicos concorrentes dos seus membros. (MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. 1995. Página 57. Edição de 1975).

Marcuse não está apenas criticando as classes da sociedade; ele está apontando o que vê como a irracionalidade de uma situação que, tendo sido necessária no passado, não o é mais. A liberação da libido do homem, das restrições da jornada de trabalho, que deveria ser seguida da menor necessidade de seu trabalho alienado, não ocorreu. A dominação originalmente necessária permaneceu, enquanto essa condição de precariedade não é mais necessária. O princípio que ganhou força em uma economia de "quanto mais você trabalha, mais você ganha" não faz mais sentido, e a dominação através deste princípio tem sido irracionalmente "exercida por um determinado grupo

ou indivíduo, a fim de se manter e consolidar numa posição privilegiada” segundo o autor coloca em *Eros e Civilização* (1955).

Segundo Marcuse, o aumento da produtividade da sociedade industrial não só não tinha sido usado para diminuir o trabalho alienado, mas tinha sido retido a fim de sustentar as sociedades de classes, que por sua natureza não aboliriam tal trabalho. (HARRISON,1994).

O ponto aqui é que, embora esteja evidente que uma reavaliação da função do trabalho estava acontecendo a partir de visões políticas, muito pouco dessa reavaliação apareceu nas obras desse período. A decisão de Bukowski de tratar essa área de forma minuciosa é uma contribuição significativa. (HARRISON, 1994).

## **2.1 A representação da realidade pelos olhos de Charles Bukowski**

Não é um romance perfeito. Bukowski incluiu material que pode ter tido relevância para sua vida como em uma autobiografia, mas que não dá coesão ao trabalho de ficção. O capítulo sobre o casamento com Barbara parece fora do lugar, e a última quarta parte do livro é fraca. Mas *Cartas na Rua (Post Office)* é altamente original e completo por diversas razões. (SOUNES, Howard, 1998).

Por fim, *Cartas na Rua (Post Office)* é muito engraçado, tem um humor que incrementa todos

os outros ingredientes. Como Bukowski gostava de dizer, Hemingway era um grande escritor, mas seus livros não são um tonel de risos. Ele fez com que as desventuras de Henry Chinaski, como amante e como funcionário do correio, fossem recontadas com um humor sarcástico que salva o romance de se tornar pretensioso. Isso voltaria a acontecer nos seus romances seguintes e é, indubitavelmente, uma das principais razões para a sua contínua popularidade. (SOUNES, Howard, 1988).

Como sugere o título de seu livro, *Post Office*, Bukowski procurou fazer uma crítica à instituição; porém, também ao sistema burocrático de trabalho dos Estados Unidos. É uma crítica ao Neotaylorismo e ao Fordismo. O escritor coloca sua história em uma local onde o trabalho é reduzido a mera repetição e pouca autonomia (“A única coisa que você mexia por ali era o braço direito”)<sup>18</sup>. Segundo os autores de *Work in America*, que é um estudo patrocinado pelo governo para saber sobre as insatisfações do trabalhador, o método aplicado não agradava:

Deve-se notar que o Taylorismo e uma concepção equivocada de eficiência não se restringem às linhas de montagem ou ao setor de manufatura da economia. O setor de serviços não está isento... [onde a prática do Taylorismo] dificulta as tarefas, reduz a gama de habilidades utilizadas pela maioria das ocupações, aumenta a

---

<sup>18</sup> “All you moved was your right arm”.

prática de rotina e abre a porta para a insatisfação no trabalho para uma nova geração de trabalhadores altamente qualificados.<sup>19</sup>

“Era época de Natal e ouvi do bêbado lá da colina, que aplicava esse truque todo Natal, que eles contratariam qualquer desgraçado”. (BUKOWSKI, 1971, p. 9).<sup>20</sup> É a segunda linha do trabalho de Bukowski e, por ela, o leitor rapidamente percebe a natureza desagradável dos Correios dos Estados Unidos. Segundo essa visão, para aceitar tal emprego, seria necessário um funcionário alienado para conseguir realizar suas tarefas. Henry Chinaski, protagonista e alter ego de Bukowski, começa o livro como empregado temporário que cumpre horário quando outro trabalhador falta ou quando “eles em geral ficavam doentes quando chovia ou durante uma forte onda de calor, ou então no dia seguinte a um feriado, quando o peso da correspondência dobrava”. (BUKOWSKI, 1971, p. 10).<sup>21</sup> O trabalho já era desumanamente cheio de demandas e, para piorar, continha com a presença de um supervisor sádico (HARRISON, 1994).

“Havia quarenta ou cinquenta rotas diferentes, talvez mais, cada uma distinta da outra, e você jamais seria capaz de decorar todas elas. Era preciso estar com o malote arrumado e pronto antes das oito para os despachos por caminhão, e Jonstone não aceitava desculpas. Os substitutos organizavam seus itinerários pelos cantos, partiam sem almoçar e morriam nas ruas. Jonstone nos fazia começar com trinta minutos de atraso — girando em sua cadeira com sua camisa vermelha — “Chinaski, pegue a rota 539”.

---

<sup>19</sup>It should be noted that Taylorism and a misplaced conception of efficiency is not restricted to assembly lines or... the manufacturing sector of the economy. The service sector is not exempt... [where Tayloristic practice] rigidifies tasks, reduce the range of skills utilizes by most of the occupations, increases routinization, and opens the door to job dissatisfaction for a new generation of highly educated workers.

<sup>20</sup> “It was Christmas season and I learned from the drunk up the hill, who did the trick every Christmas, that they would hire damned near anybody”.

<sup>21</sup>“The regulars usually call in sick when it rained or during a heatwave or the day after a holiday when the mail load was doubled”.

Começávamos com meia hora de atraso e ainda assim esperavam que entregássemos toda a correspondência e voltássemos a tempo. E uma ou duas vezes por semana, já em frangalhos, liquidados e fodidos, tínhamos de fazer as coletas noturnas e o horário programado era impossível de ser cumprido — o caminhão não podia ir tão rápido. Você tinha de pular quatro ou cinco caixas de correio no primeiro turno e no segundo elas estariam tão abarrotadas que você, já fedendo, corria com o suor empapando os sacos.” (BUKOWSKI, 1971, p. 10).<sup>22</sup>

Situações como essa para um homem como Chinaski não eram aceitáveis – ele precisava fazer algo para arrumar o que julgava errado. Ele percebe que o comportamento do supervisor encontra espaço no consentimento dos subordinados. Sabendo que os trabalhadores possuem direitos, Chinaski tenta fazer algo sobre o ocorrido. (HARRISON, 1994).

“Os próprios substitutos tornavam a existência de Jonstone possível ao obedecerem suas ordens impossíveis. Eu não podia entender como um homem tão óbvio em sua crueldade podia ocupar um cargo desses. Os carteiros regulares não se importavam, o cara do sindicato menos ainda, de modo que escrevi um relatório de trinta páginas num dos meus dias de folga, enviei uma cópia a Jonstone e levei a outra à Central Federal.” (BUKOWSKI, 1971, p. 10-11).<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> “There were 40 or 50 different routes, maybe more, each case was different, you were never able to learn any of them, you had to get your mail up and ready before 8 a.m. for the truck dispatches, and Jonstone would take no excuses. The subs routed their magazines on corners, went without lunch, and died in the streets. Jonstone would have us start casing the routes 30 minutes late—spinning in his chair in his red shirt—“Chinaski take route 539!” We'd start a half hour short but were still expected to get the mail up and out and be back on time. And once or twice a week, already beaten, fagged and fucked we had to make the night pickups, and the schedule on the board was impossible—the truck wouldn't go that fast. You had to skip four or five boxes on the first run and the next time around they were stacked with mail and you stank, you ran with sweat jamming it into the sacks”

<sup>23</sup> “The subs themselves made Jonstone possible by obeying his impossible orders. I couldn't see how a man of such obvious cruelty could be allowed to have his position. The regulars didn't care, the union man was worthless, so I filled out a thirty page report on one of my days off, mailed one copy to Jonstone and took the other down to the Federal Building”.

Depois de ser mantido esperando por uma hora e meia, ele é

“Levado até um homenzinho grisalho, com olhos cinzentos como cinza de cigarro. Não me convidou sequer para sentar. Começou a gritar comigo assim que passei pela porta:

— Você é um filho da puta metido a espertinho, não é?

— Preferia que o senhor não me xingasse, senhor.

— Você é um desses filhos da puta sabichões, que têm vocabulário e gostam de ficar se exibindo por aí!

Ele esfregou o relatório na minha cara. E berrou:

— O SR. JONSTONE É UM GRANDE HOMEM!

— Não seja bobo. O cara é obviamente um sádico.

— Há quanto tempo trabalha nos Correios?

— Há três semanas.

— O SR. JONSTONE ESTÁ NOS CORREIOS HÁ TRINTA ANOS!

— E o que uma coisa tem a ver com a outra?”. (BUKOWSKI, 1971, p. 11).<sup>24</sup>

O humor vem da atitude de Chinaski. Esse comportamento em frente ao gerente geralmente gera uma veia cômica que seria inexistente caso o ocorrido fosse real. Essa característica permeia a personalidade desse personagem durante as outras obras em que ele está presente. O humor também aparece resultante da posição inalterável de

---

<sup>24</sup> Taken in to see a little grey-haired man with eyes like cigarette ash. He didn't even ask me to sit down. He began screaming at me as I entered the door. "You're a wise son of a bitch, aren't you?" 10 "I'd rather you didn't curse me, sir!" "Wise son of a bitch, you're one of those sons of bitches with a vocabulary and you like to lay it around!" He waved my papers at me. And screamed: "MR. JONSTONE IS A FINE MAN!" "Don't be silly. He's an obvious sadist," I said. "How long have you been in the Post Office?" "3 weeks." "MR. JONSTONE HAS BEEN WITH THE POST OFFICE FOR 30 YEARS!" "What does that have to do with it?"

Chinaski: Eu não preciso desse trabalho. Mas, claro que ele precisa; caso não precisasse, Bukowski não escreveria um romance inteiro sobre procurar empregos, perder empregos e ter que procurá-los outra vez. A postura do personagem é utópica e oposta, tanto às posições de seus antagonistas (os chefes) quanto à de sua condição de vida real (ele tem que trabalhar pelo menos parte do tempo) – como resultado, o leitor experiencia o humor. (HARRISON, 1994).

Insatisfeito, Henry retorna ao seu trabalho, ele é incomodado por Jonstone que repetidamente o notificava por várias infrações – desde chegar atrasado até mesmo deixar o quepe em cima dos armários depois que uma ordem foi dada dizendo que os Correios eram contra essa prática. Chinaski aceita o estado das coisas, sabendo “que qualquer protesto seria perda de tempo”. (BUKOWSKI, 1971, p. 14).<sup>25</sup> De qualquer forma, os Correios afetam outras pessoas; como G.G, por exemplo, que

“Ele trabalhava como carteiro desde os seus vinte anos e agora estava com sessenta e muitos. Sua voz tinha sumido. Ele não falava. Grasnava. E quando grasnava, não dizia muita coisa. Não gostavam dele, mas também não chegavam a desgostar. Apenas estava ali. Seu rosto tinha se enrugado de modo a formar estranhos vincos e montículos de carne nada atraentes. Nenhuma luz irradiava de seu rosto. Não era mais que um velho camarada, endurecido pelo tempo, que tinha cumprido o seu trabalho: G.G. Os olhos pareciam pedaços mortos de argila socados nos globos oculares. O melhor que se podia fazer era não pensar nele, nem sequer olhá-lo.” (BUKOWSKI, 1971, p. 30).<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> “That any protest was useless”.

<sup>26</sup> “He had been a carrier since his early twenties and now he was in his late sixties. His voice was gone. He didn't speak. He croaked. And when he croaked, he didn't say much. He was neither liked nor disliked. He was just there. His face had wrinkled into strange runs and mounds of unattractive flesh. No light shone from his face. He was just a hard old crony who had done his job: G.G. The eyes looked like dull bits of clay dropped into the eye sockets. It was best if you didn't think about him or look at him.”

G. G. é acusado de molestar uma criança e isso começa a afetar seu rendimento no trabalho:

“Embora G.G. conhecesse de cor seu programa, suas mãos estavam mais vagarosas. Simplesmente, tinha entregado cartas demais em sua vida — até mesmo seu corpo insensibilizado se revoltava afinal. Várias vezes durante a manhã o vi fraquejar. Ele parava e balançava, entrava numa espécie de transe, então voltava à realidade e enfiava mais algumas cartas. Em particular, eu não era apegado ao cara. Sua vida não tinha sido uma vida de bravura e ele tinha se transformado mais ou menos num monte de merda. Mas cada vez que ele hesitava, alguma coisa se contraía dentro de mim. Era como um cavalo fiel que já não pode mais seguir em frente. Ou um velho carro, que numa bela manhã já não pegará mais.” (BUKOWSKI, 1971, p. 31-32).<sup>27</sup>

Incapacitado de realizar seu serviço, G.G “então deixou pender a cabeça, enfiou-a entre os braços e começou a chorar baixinho” (BUKOWSKI, 1971, p. 32).<sup>28</sup> e corre para o local dos armários. A completa falta de solidariedade entre os colegas de trabalho é enfatizada pelo fato de ninguém ajudar G.G – por mais que Chinaski tenha tentado – ou mostrar o menos interesse nele. E, como acontece com frequência nos escritos de Bukowski que envolvem trabalho, o funcionário afetado nunca mais aparece na história (HARRISON, 1994).:

“Nunca mais voltei a ver o G.G. Ninguém soube o que aconteceu com ele. Ninguém voltou a mencionar seu nome. O “cara bacana”. O homem dedicado. Degolado sobre um fardo de circulares de um supermercado local — com a oferta do dia: uma caixa de

---

<sup>27</sup> “Although G.G. knew his case upsidedown, his hands were slowing. He had simply stuck too many letters in his life—even his sense-deadened body was finally revolting. Several times during the morning I saw him falter. He'd stop and sway, go into a trance, then snap out of it and stick some more letters. I wasn't particularly fond of the man. His life hadn't been a brave one, and he had turned out to be a hunk of shit more or less. But each time he faltered, something tugged at me. It was like a faithful horse who just couldn't go anymore. Or an old car, just giving it up one morning.”

<sup>28</sup> “Then he put his head down, put his head down in his arms and began to cry softly.”

sabão em pó de nome pomposo grátis, com o cupom, em qualquer compra acima de três dólares.” (BUKOWSKI, 1971, p. 33).<sup>29</sup>

Já no fim do romance, o efeito do trabalho é discutido novamente. Chinaski saiu dos Correios apenas para retornar, pouco tempo depois, como atendente e não como carteiro. Essa mudança de cargo permite que Bukowski generalizar sua crítica sabendo que o trabalho de atendente é menos físico do que o de carteiro. É um exemplo do que Marcuse, em *Um Ensaio para a Libertação*, chama de “desmaterialização do trabalho”<sup>30</sup>, que mesmo não sendo mais tão ligado ao físico, continua “debilitante”<sup>31</sup>. Isso é visto na primeira noite de trabalho de Chinaski (HARRISON, 1994).:

“Após nove ou dez horas, as pessoas começavam a ficar sonolentas e caíam sobre suas caixas, voltando a si mesmas bem a tempo. Organizávamos a correspondência por zonas. Se uma carta fosse da zona 28, você a enfiava no buraco nº 28. Era simples.

Um sujeito negro e grande pulava e balançava os braços para se manter acordado. Cambaleava de lá para cá.

— Caralho! Não aguento mais! — ele dizia.

E ele era um brutamontes.” (BUKOWSKI, 1971, p. 47).<sup>32</sup>

Enquanto o trabalho como carteiro possuía supervisores opressivos e regras irracionais para serem seguidas. (HARRISON, 1994).

---

<sup>29</sup> “I never saw G.G. again. Nobody knew what happened to him. Nor did anybody ever mention him again. The "good guy." The dedicated man. Knifed across the throat over a handful of circs from a local market—with its special: a free box of a brand name laundry soap, with the coupon, and any purchase over \$3”.

<sup>30</sup> “Dematerialization of labor”.

<sup>31</sup> “Debilitating”.

<sup>32</sup> “After nine or ten hours people began getting sleepy and falling into their cases, catching themselves just in time. We were working the zoned mail. If a letter read zone 28 you stuck it to hole no. 28. It was simple. One big black guy leaped up and began swinging his arms to keep awake. He staggered about the floor. "God damn! I can't stand it!" he said. And he was a big powerful brute.”

“Não era permitido conversar. Dois intervalos de dez minutos em oito horas. Anotavam a hora em que você saía e a hora em que retornava. Se demorasse doze ou treze minutos, era melhor preparar os ouvidos.

Mas o salário era melhor do que na loja de materiais de arte. E, pensei, talvez eu me acostumassem a isso.

Nunca me acostumei.” (BUKOWSKI, 1971, p. 47-48).<sup>33</sup>

Assim como a antiga área de Chinaski nos Correios, o trabalho atual continuava a ser debilitante a longo prazo também:

“Onze anos como um tiro na cabeça. Eu tinha visto o emprego devorar os homens. Eles pareciam derreter. Lá estava Jimmy Potts do Posto Dorsey. Da primeira vez que cheguei lá, Jimmy era um cara musculoso em sua camiseta branca. Agora estava liquidado. Colocava seu banco o mais próximo do chão possível, e se agarrava para não cair. Vivia de tal maneira cansado que já nem cortava o cabelo e usava as mesmas calças há três anos. Trocava as camisas duas vezes por semana e caminhava bem devagar. Tinham-no assassinado. Estava com 55 anos. Faltavam sete para ele se aposentar.

— Nunca vou conseguir — ele me disse.

Ou derretiam ou engordavam, enormes, especialmente na bunda e na barriga. Era o banquinho, e os mesmos movimentos e a mesma conversa. E lá estava eu, sofrendo de tonturas e dores nos braços, pescoço, peito, por toda parte. Dormia o dia para conseguir descansar e estar apto ao trabalho. Nos fins de semana, tinha de beber para esquecer a

---

<sup>33</sup> “No talking allowed. Two 10 minute breaks in 8 hours. They wrote down the time when you left and the time when you came back. If you stayed 12 or 13 minutes, you heard about it. But the pay was better than at the art store. And, I thought, I might get used to it. I never got used to it.”

rotina. Eu pesava 83 quilos quando cheguei. Agora estava com 101 quilos. A única coisa que você mexia por ali era o braço direito.” (BUKOWSKI, 1971, p. 117).<sup>34</sup>

Para completar todas as situações vividas pelos empregos dos Correios, existiam outros aspectos que também contribuíam para o ambiente hostil de trabalho – como o sistema. Em um certo ponto, já chegando ao fim de sua carreira como atendente, o protagonista é chamado para “aconselhamento” por ter realizado a tarefa fora dos 28 minutos que eram estipulados pelos Correios. (HARRISON, 1994).

“— Olhe, você levou 28 minutos numa caixa de 23. E isso é tudo o que interessa.

— Você sabe melhor do que eu. Cada caixa tem sessenta centímetros de comprimento. Algumas caixas têm até três ou quatro vezes mais cartas do que outras. Os funcionários agarram o que eles chamam de caixas “gordas”. Eu não me importo. Alguém tem de pegar no pesado. Mas tudo o que vocês sabem é que cada caixa mede sessenta centímetros de comprimento e que tem de ser esvaziada em 23 minutos. Acontece que não arrumamos tudo de uma vez, é preciso carimbar as cartas.

— Não, não, tudo isso já foi testado.

— Pode ser que sim. Mas eu duvido. Em todo caso, se você for cronometrar o tempo de alguém, não o julgue por uma caixa. Até mesmo Babe Ruth errava de vez em quando. Julgue um homem por dez caixas, ou por uma noite de trabalho. Vocês usam essas coisas para mandar para a força qualquer cara que caia nas garras de vocês.

---

<sup>34</sup> “11 years shot through the head. I had seen the job eat men up. They seemed to melt. There was Jimmy Potts of Dorsey Station. When I first came in, Jimmy had been a well-built guy in a white T shirt. Now he was gone. He put his seat as close to the floor as possible and braced himself from falling over with his feet. He was too tired to get a haircut and had worn the same pair of pants for 3 years. He changed shirts twice a week and he walked very slow. They had murdered him. He was 55. He had 7 years to go until retirement. "I'll never make it," he told me. They either melted or they got fat, huge, especially around the ass and the belly. It was the stool and the same motion and the same talk. And there I was, dizzy spells and pains in the arms, neck, chest, everywhere. I slept all day resting up for the job. On weekends I had to drink in order to forget it. I had come in weighing 185 pounds. Now I weighed 223 pounds. All you moved was your right arm.”

— Tudo bem, Chinaski. Você já disse o que tinha para dizer. Agora é a minha vez: você levou 28 minutos numa caixa. Nós nos apoiamos nisso. AGORA, se você for pego mais uma vez atrasado, será chamado para CONSELHOS AVANÇADOS!”(BUKOWSKI, 1971, p. 118).<sup>35</sup>

Bukowski faz duas observações aqui: primeiro, a completa irracionalidade de um sistema que é presumivelmente racional (“Não, não, tudo isso já foi testado”). O problema com a avaliação de desempenho é que, qualquer coisa que possa ser quantificada é, então, usada como base de decisões que também implicam um julgamento sobre a qualidade. Aqui, até mesmo a quantificação da tarefa é tratada de forma grosseira. (HARRISON, 1994).

O segundo ponto é relativo à natureza arbitrária do tempo de uso das máquinas e o que é real. Se o sistema fosse racional, por exemplo, construído com uma visão voltada para os custos e benefícios para os que trabalham e não só para os que são servidos, o sistema não seria colocado como irracional e arbitrário como é descrito por Bukowski. (HARRISON, 1994).

Chinaski é autorizado a falar, por simples poder exercido pela “democracia”; mas seu superior diz e está falado. A arbitrariedade é acentuada pelas últimas palavras do conselheiro. Isso também contribui para o humor nos termos “aconselhamento” e “CONSELHOS AVANÇADOS”. Elas são apenas palavras formais, assim como

---

<sup>35</sup> "Look, you took 28 minutes on a 23 minute tray. That's all there is to it." "You know better. Each tray is 2 feet long. Some trays have 3, even 4 times as many letters than others. The clerks grab iwhat they call the 'fat' trays. I don't bother. Somebody has to stick with the tough mail. Yet all you guys know is that each tray is two feet long and that it must be stuck in 23 minutes. But we're not sticking trays in those cases, we're sticking letters." "No, no, this thing has been time-tested!" "Maybe it has. I doubt it. But if you're going to time a man, don't judge him on one tray. Even Babe Ruth struck out now and then. Judge a man on ten trays, or a night's work. You guys just use this thing to hang anybody who gets in your craw." "All right, you've had your say, Chinaski. Now, I'm telling YOU: you stuck a 28 minute tray. We go by that. NOW, if you are caught on another slow tray you will be due for ADVANCED COUNSELING!"

Chinaski poder falar é apenas uma liberação formal por parte dos Correios. O humor vem, mais uma vez, do espaço entre aparência e realidade. (HARRISON, 1994).

As críticas de Bukowski acerca do trabalho não eram limitadas aos seus efeitos no serviço. Ele também queria mostrar que os tentáculos controladores alcançavam também a vida do funcionário fora do ambiente de trabalho, que o serviço funciona como um controle social que, de fato, o Fordismo e o Taylorismo não estão mortos. (HARRISON, 1994). Gramsci viu esse comportamento por parte da gerência como a expressão de sua necessidade de controlar a força de trabalho, de “elaborar um novo tipo de homem adequado ao novo tipo de trabalho e processo produtivo”.<sup>36</sup>

As tentativas feitas de Ford, com a ajuda de um corpo de inspetores, para intervir na vida privada de seus empregados e controlar como eles gastavam seus salários e como eles viviam é uma indicação dessas tendências... Alguém que trabalha para um o salário, com horas fixas, não tem tempo para se dedicar à busca de bebida, ao esporte ou à evasão da lei. (GRAMSCI, Antonio).<sup>37</sup>

Em certo momento da história, Chinaski liga aos Correios dizendo estar doente para passar o dia com uma antiga namorada.

“Naquele tempo, quando você ligava dizendo estar doente, os Correios enviavam uma enfermeira para averiguar, para ter certeza de que você não estava na gandaia ou sentado numa mesa de pôquer. Minha casa era perto do escritório central, de modo que

---

<sup>36</sup> “to elaborate a new type of man suited to the new type of work and productive process”.

<sup>37</sup> “The attempts made by Ford, with the aid of a body of inspectors, to intervene in the private lives of his employees and to control how they spent their wages and how they lived is an indication of these tendencies... Someone who works for a wage, with fixed hours, does not have time to dedicate himself to the pursuit of drink or to sport or to evade the law.”

era conveniente para eles virem até aqui se certificar. Betty e eu já estávamos lá há duas horas quando bateram à porta.

— O que será?

— Tudo bem — sussurrei —, fique quieta! Tire esses saltos, vá para a cozinha e não faça barulho.

— SÓ UM MOMENTO! — respondi a quem batia.

Acendi um cigarro para mascarar o bafo, depois fui até a porta e abri apenas uma fresta. Era a enfermeira. A mesma de sempre. Ela já me conhecia.” (BUKOWSKI, 1971, p. 63).<sup>38</sup>

Essas relações de trabalhos fordistas, na história, são relacionadas com o que Betty conta sobre um antigo namorado que trabalhava para a prefeitura e, depois, Chinaski assinala “Caralho, os caras não deixam um homem ser feliz, não é mesmo? Querem sempre enquadrá-lo no esquema.”. (BUKOWSKI, 1971, p. 65).<sup>39</sup>

Bukowski descreve o trabalho como meio de exercer controle ideológico, demonstrando sua utilidade em doutrinar os cidadãos; ele mostra que a função de tal doutrinação é o aumento de produção no lugar de uma resposta a qualquer ameaça. Sendo os Correios uma agência do governo tudo era mais fácil em relação a essa espécie de lavagem cerebral. Nesse exemplo, isso ocorre durante um treinamento (essa passagem reflete também o aspecto político do país). Um instrutor está dando uma palestra em frente a um grande mapa (HARRISON, 1994):

---

<sup>38</sup> “At that time, when you called in sick the post office sent out a nurse to spot check, to make sure you weren't night-clubbing or sitting in a poker parlor. My place was close to the central office, so it was convenient for them to check up on me. Betty and I had been there about two hours when there was a knock on the door. "What's that?" 55 "All right," I whispered, "shut up! Take off those high heels, go into the kitchen and don't make a sound." "JUST A MOMENT!" I answered the knocker. I lit a cigarette to kill my breath, then went to the door and opened it a notch. It was the nurse. The same one. She knew me.”

<sup>39</sup> "Damn, they won't let a man live at all, will they? They always want him at the wheel."

“Então ele disse:

— Olhem aqui! Aí está o Alaska! E lá estão eles! É quase como se pudessem atravessar com um salto, não é mesmo?

— Pode crer — disse um desmiolado na primeira fila.

O italiano soltou o mapa. Ele se enroscou rapidamente em volta de si mesmo, estalando com um rugido belicoso. Logo o italiano avançou até a frente do tablado, apontou o indicador com ponta de borracha em nossa direção.

— Quero que vocês entendam que temos que segurar as pontas. Quero que entendam que CADA CARTA QUE CARIMBAREM, CADA SEGUNDO, CADA MINUTO, CADA HORA, CADA DIA, CADA SEMANA, CADA CARTA EXTRA QUE VOCÊS CARIMBAM AJUDA A DERROTAR OS RUSSOS! Bem, isso é tudo por hoje.”  
(BUKOWSKI, 1971, p. 53).<sup>40</sup>

Embora *Post Office* seja uma narrativa em primeira pessoa, e o protagonista idiossincrático enfatize o tom subjetivo do romance, a objetividade é alcançada mostrando os efeitos do trabalho não apenas em Chinaski, mas também em seus colegas de trabalho, revelando sua decadência física e sintomas concretos de declínio psicológico. (HARRISON, 1994).

Além disso, Bukowski quase não mostra alguém prosperando dentro do sistema. Os poucos exemplos daqueles que avançam ou estão satisfeitos, são casos especiais, exceções que provam a regra. Tom Moto, um carteiro da época antiga de Chinaski nos

---

<sup>40</sup> “Then he said, "Look here. That's Alaska! And there they are! Looks almost as if they could jump across, doesn't it?" "Yeah," said some brainwash job in the front row. The Italiano flipped the map. It leaped crisply up into itself, crackling in war fury. Then he walked to the front of the stage, pointed his rubber-tipped pointer at us. "I want you to understand that we've got to hold down the budget! I want you to understand that EACH LETTER YOU STICK—EACH SECOND, EACH MINUTE, EACH HOUR, EACH DAY, EACH WEEK—EACH EXTRA LETTER YOU STICK BEYOND DUTY HELPS DEFEAT THE RUSSIANS! Now, that's all for today.”

Correios, que aparece brevemente como supervisor; e, também, a mulher que entrega para Chinaski os papéis referentes à demissão, “uma jovem negra... Estava bem-vestida e satisfeita com o mundo ao seu redor... Eu teria enlouquecido nesse emprego”. (BUKOWSKI, 1971, p. 124).<sup>41</sup> ; esses grupos são minoria com poucas expectativas em relação à trabalho. Bukowski não é racista e, o que ele sugere com esses exemplos é que apenas aqueles que sofrem discriminação e são gratos por qualquer oportunidade acham tal serviço aceitável. (HARRISON, 1994).

---

<sup>41</sup> “A young black girl... She was well-dressed and pleased with her surroundings... I would have gone mad with the same job.”

### 3. CONCLUSÃO

Em seu primeiro romance, Bukowski mostrou a alienação e exploração do trabalho. Logo, *Post Office* é uma crítica aos sistemas Taylorista e Fordista nas décadas de 1950 e 1960 e à desqualificação e transformação do intelecto nas fábricas. O ponto de vista de Bukowski é semelhante ao do sociólogo Harry Braverman ao evitar a questão radical da consciência. Esta é uma das razões pelas quais o aspecto político de seu trabalho foi negligenciado. Em *Trabalho e Capital Monopolista*<sup>42</sup> (1974), Braverman escreveu. (RUSSELL, 1994).

Nenhuma tentativa será feita para lidar com a classe trabalhadora moderna no nível de sua consciência, organização e atividades. Este é um livro sobre a classe trabalhadora como uma classe em si, não como uma classe para si mesma. (HARRY, Braverman. *Trabalho e Capital Monopolista*. 1974).<sup>43</sup>

O que é importante durante *Post Office* é que seu personagem principal, Chinaski, recusa a aceitar a alienação que sofre como algo normal. Por todo seu cinismo e alienação pessoal, Chinaski representa uma nova classe de trabalhadores – que entendem o que passa ao redor e não estão dispostos a aceitar as relações burocráticas rígidas que permeavam os Estados Unidos. A atitude dele é a do funcionário dos anos

---

<sup>42</sup> Labor and Monopoly Capital.

<sup>43</sup> "No attempt will be made to deal with the modern working class on the level of its consciousness, organization and activities. This is a book about the working class as a class in itself, not as a class for itself".

1960 e dos seguintes (por mais que os eventos descritos por ele datem de 1950 e começo dos anos 1960). (RUSSELL, 1994).

É o trabalhador o problema para os autores de *Trabalho na América*<sup>44</sup>, que falavam sobre o “desafio” apresentado pela “alienação e desencantamento dos trabalhadores”<sup>45</sup> e que achavam (RUSSELL, 1994).

Evidência convincente de que alguns trabalhadores estão levando suas frustrações de trabalho para casa e deslocando-os em movimentos sociais e políticos extremistas ou em hostilidade contra o governo. (*Trabalho na América*).<sup>46</sup>

A crítica de Bukowski da persistência das técnicas de gestão científica também é significativa. A administração científica supostamente havia sido substituída pela escola das "Relações Humanas" na década de 1920 (da qual o episódio do "aconselhamento" é um exemplo), mas *Post Office* mostra que esse não era o caso. (RUSSELL, 1994).

---

<sup>44</sup> Work in America.

<sup>45</sup> “alienation and disenchantment of blue-collar workers”.

<sup>46</sup> “Convincing evidence that some blue collar workers are carrying their work frustrations home and displacing them in extremist social and political movements or in hostility towards the government”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUKOWSKI, Charles, 1971, *Post Office*.

EMERSON, Ralph Waldo, 1841, *Self-Reliance*.

GRAMSCI, Antonio. *The Gramsci Reader – Selected writings (1916-1935)*. Editado por David Forgacs.

HARRISON, Russell, 1994, *Against the American Dream: Essays on Charles Bukowski*.

MARCUSE, Herbert, 1955, *Eros e Civilização*. Edição de 1975.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Edição de 2011.

SOUNES, Howard, 1988, *Bukowski: vida e loucuras de um velho safado*.

The Charles Bukowski Tapes. 1985.

THOREAU, Henry David, 1854, *Walden*.

<https://en.wikipedia.org/wiki/Self-Reliance>. Acessado em 08/06/2018.

<https://en.wikipedia.org/wiki/Transcendentalism>. Acessado em 08/06/2018.